

Chocolate Amargo¹

Passámos o resto da tarde nas bancadas do estádio de futebol. O vento de Dezembro picava-me o rosto, e queimava-me a garganta. Abriguei a mão no teu bolso, juntos dos rebuçados de menta e dos calendários que colecionavas. No relvado, meia dúzia de miúdos ainda dava uns chutos, apesar de já quase não haver luz. É estranho como algumas coisas nos seduzem ao ponto de nos esquecermos de tudo o resto. Pouco a pouco, foram desertando, chamados pelas mães e pelos pais, que regressavam do emprego.

Ficámos sós, sem saber o que dizer, porque foi ali que o nosso amor começara, estava quase a fazer um ano. A noite caía, sem que nem eu nem tu conseguíssemos falar do que interessava. Queixaste-te do patrão, do aumento do preço da bica, do cachorro do vizinho, que te suja o relvado todo. Apeteceu-me pedir-te para te calares. Que não precisavas de te esforçar porque o silêncio não me incomodava. E então perceberias, como eu, que já tudo fora dito entre nós.

Quando compreendi isso, senti um profundo alívio, como uma má nadadora que finalmente ganha pé, depois da onda que quase a arrastou. Mas tu não entendeste. Cabisbaixo, acompanhaste-me pela avenida enfeitada com Pais Natais insufláveis e azevinho de plástico. Quando nos despedimos, não me beijaste, e seguiste por uma rua diferente daquela que habitualmente tomavas.

Fiz o percurso do costume, mas nunca demorei tanto tempo a chegar a casa. As montras brilhavam; as luzes dos carros incendiavam-me a alma; e as estrelas, feitas de lâmpadas, acendiam e apagavam, num frenesim elétrico. De súbito, senti uma felicidade imensa, indecente, porque soube de novo quem eu era.

Liberta de ti.

Há umas semanas, rasguei cartas, queimei fotografias, apaguei *e-mails*, e arrecadei numa caixa de sapatos todas as prendas que me deras. Tirar-te da cabeça foi mais complicado, e demorou tempo, reconheço. Na noite passada, ao lavar a loiça, recordei-me de uma série de pormenores que para sempre associarei a ti. Pensei se usarias ainda o cachecol de lã azul, que te tricotei no Outono. Se continuavas a preferir pipocas com sal, no cinema, ou se te renderas ao açúcar. Se a vizinha amável que me abria a porta de tua casa, naquele dia em que te quis fazer uma surpresa, ainda guardava a chave. E se a teria aberto a outra mulher, depois de mim. Talvez à rapariga das fotocópias, a que mascava pastilhas elásticas a tarde inteira.

¹ Mancelos, João de. "Chocolate Amargo". *Esquina do Mundo* 1 (2003): 28-29.

Distraída com estes pensamentos, cortei-me ao descascar uma maçã. Levei o dedo à boca e provei o sangue. Era mais doce e pegajoso do que o sumo. Vês? Afinal, tudo se pode substituir.

O que verdadeiramente me incomoda, como uma espinha encravada entre dois dentes, é aquilo que permanece, resistindo as todas as tentativas de limpeza. É ainda não ter riscado o teu número de telefone da minha agenda, por exemplo. Lembrar-me do dia do teu aniversário. E comparar os nossos horóscopos, na última página de um jornal, enquanto aguardo a minha vez no consultório do dentista.

O médico insiste para que use frequentemente uma escova elétrica. Diz ele que remove toda a placa bacteriana, e deixa o esmalte mais brilhante. Acredito e prometo que sim senhor doutor, vou fazer isso. Mas hoje, prefiro não lavar os dentes. Quero ter o sabor da maçã coberta de chocolate amargo na boca.

Deviam ser três da manhã, quando te liguei. Precisava de saber que eras real. Se também acordarias a meio da noite, a pensar se eu ainda usava o mesmo cachecol de lã azul; se consumias pipocas com sal no intervalo do filme; e se em sonhos ainda esperavas em casa por mim.

Em vez disso, falei-te do tempo atmosférico. Disse-te que lá fora não parara de nevar. Que as meias gelaram, na corda também ela gelada. Que tudo quanto recordo de ti são pequenas esculturas de frio. Que se quisesse, as quebrava, com um golpe. Mas deixo esse trabalho ao rodar das estações.

Escutaste-me em silêncio. Poisei o auscultador, e voltei para o conforto dos lençóis de flanela, com gatinhos desenhados. Dormi bem, até às dez da manhã. Tomei o pequeno-almoço, e dei um salto ao hipermercado para comprar uma escova de dentes elétrica, em promoção. Daquelas que removem tudo, mesmo o gosto persistente do chocolate amargo. E deixam a boca a saber a alma limpa e confessada.